**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: USO DOS DIFERENTES GÊNEROS TEXTUAIS PARA A ALFABETIZAÇÃO DE ALUNOS DO 2°ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Max Andrey de Souza Costa [[1]](#footnote-1)

Rebeka Vieira da Silva [[2]](#footnote-2)

Neuracy Dos Santos Balbino [[3]](#footnote-3)

**Resumo**

O trabalho foi realizado a partir de sequência didática com diferentes gêneros textuais como: poesia, marchinhas e outros, visto que alguns alunos estão em nível de leitura baixa tanto para idade como para o ano em que estão inseridos. Foi priorizado a diversidade buscando contos relaxantes com fins pedagógicos, no primeiro caso o conto era acompanhado com uma atividade lúdica; no segundo caso era livre; e buscava a reflexão e a diversão. As atividades tiveram como objetivo o desenvolvimento da oralidade, leitura e escrita.

Palavras-chaves:Aprendizagem significativa; Educação; Literatura.

**INTRODUÇÃO**

O presente resumo foi realizado como atividade do Programa Residência Pedagógica, oferecido pela CAPs, desenvolvido na Escola Municipal Judite Leal Costa, Juazeiro (BA). O trabalho agora apresentado tem como objetivo descrever, a partir de uma pesquisa de campo e exploratória o tema: Alfabetização e Letramento: Uso dos Diferentes Gêneros Textuais para a Alfabetização de Alunos do 2°Ano do ensino fundamental.

O interesse pelo tema se deu após perceber o pouco contato que os alunos possuem com os diferentes gêneros textuais, especialmente com literatura infantil, e pouca compreensão em relação à linguagem apresentada em alguns textos. Baseando-se nessa necessidade, foram planejadas algumas sequências didáticas com vista para trabalhos com diferentes gêneros textuais como: poesia, carta, marchinhas, slogans e contos. A fim de aguçar o interesse dos alunos para os textos, colaborando no processo de alfabetização, uma vez que se verificou que alguns desses alunos estavam abaixo do nível de escrita e leitura.

No atual contexto escolar em que tivemos a oportunidade de vivenciar, foi observado que existem alunos chegando nas turmas de 2°ano sem autonomia sobre sua escrita, incluindo seu nome. Revelando assim uma lacuna que entre o objetivo proposto e o objetivo alcançado, o que significaria um retrocesso no processo educativo brasileiro.

Dentre as práticas de apropriação da escrita repassadas na escola, a autora diz que “Uma parte dos erros em relação à produção escrita se constitui como uma passagem obrigatória que permite a apropriação das convenções da escrita.” (DOLZ, 2010, p. 36). Vemos assim que o processo de aquisição da escrita, deve ser feito em conjunto com o sentindo do porque se deve ter o domínio dessa tecnologia.

A oportunidade dessa experiência permite aos alunos residentes uma reflexão sobre a importância de unir a teoria com a prática, o que virá como verdadeira adaptação à vida profissional.

**REFERÊNCIAL TEÓRICO**

Sabendo que a instituição de ensino trabalha em parceria com outras entidades, realizou-se um levantamento bibliográfico, procurando “colocar o pesquisador em contato direto com todo o material já escrito sobre o assunto da pesquisa” (CRISTIANO; CESAR; 2013, p.54). A fim de realizar um trabalho em conjunto com a proposta escolar, municipal, estadual e nacional, fez-se uma análise nos seguintes documentos: LDB, PPP escolar, BNCC e o livro didático escolar, com o objetivo de alinhar a proposta de trabalho dos residentes com o cronograma da professora.

Posteriormente, estudou-se o tema utilizando como referência Emília Ferreiro e Ana Teberosky; Ambas falam sobre os níveis de aprendizado em que cada criança se encontra: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético, alfabético e ortográfico. No desenvolvimento da pesquisa as autoras buscam uma identificação dos alunos e novas propostas de atuação docente para que esses alunos pudessem adquirir a autonomia da escrita e linguagem; Dando um sentindo do por que aprender a ler, e mais do que ser alfabetizado (modo capaz de codificar e decodificar), procuravam na contextualização dessas escritas sua função social.

Para o trabalho com a literatura infantil foram escolhidos Magna Soares que fala sobre a importância da ligação que o conto permite, fala sobre o sentar no colo e sobre ser transportado para outro mundo por meio das histórias, (2018), e também, QUEIRÓS (2009, p. 68), que fala que, “era uma vez” é uma senha, é a fórmula mágica que transporta o leitor ou ao ouvinte as portas de outro mundo; Um mundo ambíguo, que o atrai. Assim, trabalhar com contos ajuda a aguçar a imaginação e a criatividade do aluno, ajudando-o em sua formação integral (emocional e cognitiva).

Para os contos apresentados, foi priorizado a diversidade, buscando contos com fins pedagógicos e contos para relaxamento. No primeiro caso, o conto sempre seguia de uma atividade, no segundo caso o conto era livre, buscando a reflexão dos alunos, o relaxamento e a diversão.

**CONTEXTO HISTÓRICO**

**PERCURSO DA LITERATURA INFANTIL E SEUS CAMINHOS COMO ARTE LITERARIA E ARTE PEDAGOGICA**

No século XVI e XVII, era comum encontrar crianças trabalhando enquanto os pais ficavam em bares, as crianças eram tidas como mini adultos, e muitas vezes por conta do trabalho pesado, eram mutiladas, ou mortas. Assim, com a ascensão da burguesia, vem o estabelecimento das famílias e a divisão de funções que estas devem assumir (homem trabalha, mulheres cuidam da casa e dos filhos, criança estuda) (BASTOS, 1998).

O ser humano é por natureza um ser criativo, artístico e expressivo, no entanto, com o passar do tempo, com as pressões externas e a falta de incentivo para se desenvolver todas essas formas de expressão, o ser humano entra dentro de uma caixinha, e deixa de lado todo seu senso criativo. Assim, ao ser pensando na educação das crianças, por necessidade de formação de mão de obra, foi pensado também na produção de estratégias que viessem a servir de ensino, visto que as crianças veem o mundo de forma diferente dos adultos, assim, foram selecionados diversos contos, tendo Charles Perrault como um dos primeiros autores de livros infantis no século XVII e XVIII.

No início escolar a literatura era utilizada como arte pedagógica, ou seja, eram recontadas a estórias a fim de repassar conhecimento aos alunos, um exemplo que temos disso é a historia de Pinóquio, quando ele ganha vida, ele pergunta ao pai o que precisa fazer para se tornar homem, e como resposta ele encontra – você precisar ir à escola – com isso podemos ver a apelação de ser ter um ensino formal para a criança que se torne ”homem”. Outro conto é o da cinderela, que é maltratada pela madrasta e permanece quieta até encontrar a fada madrinha e se casar com o príncipe, passando a ideia de que se você não desobedecer e for uma boa menina tudo de bom irá acontecer com você. (BASTOS, 1998).

Porém apesar de ser usada como arte pedagógica a literatura não perde seu papel como expressão artística, servindo assim para divertir, acalmar, sonhar, etc. Dessa forma o que encontramos atualmente principalmente com Magna Soares é o papel da literatura, como arte tanto pedagógica, como arte literária. Como também afirma Nelly:

A literatura também é vista Como objeto que provoca emoções, dá prazer ou diverte e, acima de tudo, modifica a consciência de mundo de seu leitor, a literatura infantil é arte. Sobre outro aspecto, como instrumento manipulado por uma intenção educativa, ela se inscreve na área da pedagogia (COELHO, 2000, p.46).

Desse modo, não faz mais sentido sua utilização apenas como uma arte pedagógica, contada com finalidades puramente didáticas, mas deve ter em mente suas funções artísticas e expressivas.

**COMO SE DEU, NO BRASIL, O ENSINO DE PORTUGUÊS AO LONGO DOS ANOS**

A autora Magna Soares, 1998 vem traçando um percurso da história do ensino da língua portuguesa da década de 50 até os dias atuais, ao observarmos isso podemos analisar por base histórica algumas praticas de linguagem que se perpetuam ao longo dos anos.

Assim, vemos que na década de 50 a escola era aberta para a elite, esses vinham de casa com grande suporte educativo, tendo acesso ao meio cultural, a livros, etc. O estudo de português era a gramática e análise linguística. No entanto, na década de 60 a escola abre as portas para a classe popular, chegando assim, também, a variedade linguística, assim, cabia ao professor repassar o conteúdo utilizando expressões (linguagem) que atendessem a demanda dos alunos, nesse período a escola tinha o dever de repassar língua portuguesa, ensinando os alunos a codificar e decodificar.

No final da década de 60, vieram as novas exigências para o aluno, que era de formá-lo como emissor codificador e receptor decodificador, sabendo identificar linguagens verbais e não verbais, essa ideia se prolongou ate a década de 70 e 80, ou seja, a linguagem era tida como meio de comunicação e era com essa ideia que os alunos deviam ser ensinados.

No final da década de 80 a concepção de linguagem como meio de comunicação “caiu”, pois, esse modelo não atendia as necessidades socioeconômicas da época (com a chamada redemocratização), nessa época também ocorreram avanços nas pesquisas, tanto na área de linguística como também na área de psicologia da aprendizagem. E o estudo da linguagem passou a exigir uma comunicação entre autor-texto-leitor.

Desse modo, uma nova concepção passa a ser difundida, a de ver a linguagem como enunciação do discurso, não apenas como comunicação, mas passando a verificar as relações entre quem utiliza os textos e em que contexto ele é utilizado, além de ser analisado a condição sócio histórica. Nesse sentido, o sujeito passa a ser ativo no processo de aprendizagem, construindo suas teorias sobre a leitura e a escrita, em contato com o mundo e com os outros.

**A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E A PROPOSTA DE UM ENSINO CONTEXTUALIZADO**

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de referência nacional para o ensino, tanto das escolas públicas como das escolas privadas, onde nela consta competências e habilidades que os alunos devem desenvolver ao longo da sua formação. Assim, é caracterizada como:

[...] um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar. (BRASIL, 2017, p. 7).

Com essa nova proposta de aprendizagem alinhada a outros documentos que regem a educação nacional, a bncc possibilita uma formação integral do indivíduo, buscando considerar no processo de ensino seu contexto histórico e cultural, abrangendo o desenvolvimento cognitivo e afetivo. Nesse sentido, a mesma afirma:

[...] o seu compromisso com a educação integral13. Reconhece, assim, que a Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva. (BRASIL, 2017, p. 14).

Para além desses compromissos assegurados pela Base Nacional Comum Curricular, destacamos ainda a preocupação deste documento com a aprendizagem dos estudantes, tendo em vista a diversidade, a igualdade e a equidade. Por isso, apresenta que é necessário haver um planejamento das instituições de ensino:

Diante desse quadro, as decisões curriculares e didático-pedagógicas das Secretarias de Educação, o planejamento do trabalho anual das instituições escolares e as rotinas e os eventos do cotidiano escolar devem levar em consideração a necessidade de superação dessas desigualdades. Para isso, os sistemas e redes de ensino e as instituições escolares devem se planejar com um claro foco na equidade, que pressupõe reconhecer que as necessidades dos estudantes são diferentes. (BRASIL, 2017, p. 15).

Por essas razões citadas acima, entendemos que a contextualização dos conteúdos ensinados e a reformulação dos currículos são fatores importantes e necessários para que o aluno entenda sua realidade. Para isso, o sistema e as escolas devem estar preocupadas em organizar o planejamento a fim de combater as desigualdades referentes ao ensino.

**METODOLOGIA E RESULTADOS FINAIS**

O estudo se caracteriza como pesquisa bibliográfica, acrescida de observação direta com coleta de dados no campo, visto que os pesquisadores foram a fundo na investigação do problema, além de terem feito acompanhamento regular do objeto de análise. O trabalho desenvolvido tem características exploratórias, visto que os pesquisadores se debruçaram sobre o problema a fim de obter respostas. “Esse tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema com vista torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (GIL, 2002, p. 41).

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Judite Leal Costa, Juazeiro BA; com alunos do 2° ano do ensino fundamental. A turma é composta por 22 alunos, que foram submetidos a diagnóstico inicial para saber o nível com relação ao processo de alfabetização. Foram identificados 9 alunos que ainda não possuíam a aquisição da leitura e escrita, tendo dificuldades inclusive em escrever seu nome.

Observar alunos que chegavam ao 2° ano do ensino fundamental com dificuldades na escrita de seus nomes, foi algo que chamou a atenção. Verificando-se que alguns discentes apresentavam comportamento agitado em sala de aula, e acabavam por atrapalhar a concentração de todo o grupo; sobre isso a autora afirma:

Pensar que o domínio da escrita é inato ou uma dádiva restrita a um pequeno número de sujeitos implica distanciá-la dos alunos. Quando a escrita é supervalorizada e descontextualizada, torna-se mero exercício para preencher o tempo reforçando a baixa autoestima linguística dos alunos, que acabam compreendendo a escrita como privilégio de alguns. (PARANÁ, 2008, p.68).

Logo após, foram elaborados os planos de aula utilizando a sequência didática; Com o objetivo de ajudar os alunos a desenvolverem seu processo de alfabetização em conjunto com o letramento. A regência foi realizada em 25 dias, tendo um total de quase 100 horas de acompanhamento da turma. Os planos de aula foram feito de forma interdisciplinar tendo como base a BNCC, essa vem trazendo um barema do que deve ser repassado para os alunos de acordo com a idade e ano de ensino.

Para a utilização das sequências didáticas foram utilizadas formas diversificadas de texto, procurando dar aos alunos a oportunidade de ter acesso e conhecimento sobre as diferentes formas de escrita presentes na sociedade, de acordo com a autora “Produzir e compreender uma diversidade de textos orais e escritos é considerado como o objetivo central do ensino de línguas”. (DOLZ, 2010, p.14).

Já com relação ao primeiro diagnóstico literário aplicado, foi detectado que não só os alunos no nível pré-silábico não compreendiam linguagem rebuscada no texto, mas essa era uma falha geral; Ou seja, o nível de interpretação do grupo dava sinal de alerta. Ao ser contado a história do “Ovo e o Vovó”, onde é feito uma comparação entre as características do ovo e como esse pode ser comparado com o avô; enfatizando que o ovo nos ajuda a crescer forte e saudável assim como nosso avó, ele também é duro por fora e mole por dentro, e muitas vezes os avôs são assim; Como o ovo se quebra um dia o vovô também se “quebra”, e assim perdemos a presença do vovô. Durante a contação, foi percebido que os alunos tiveram pouca interação com a história pois, faltava a compreensão da metáfora que a história apresentava.

Em outro momento, contou-se a história da velhinha que dava nome as coisas pois, tinha medo de coisas que não resistissem ao tempo e se fosse antes dela, e por apresentar palavras difíceis para retratar esse medo e todo seu processo de cura, os alunos não entenderam no final qual era o medo da velhinha e como ela conseguiu superá-lo. Assim, após serem feitas diversas intervenções, rodas de conversas e horas do conto, os alunos se mostraram mais participativos e interagiram com o material levado, tendo inclusive feito um poema em conjunto com a sala, mostrando assim o quanto o imaginário da criança influencia seu desenvolvimento cognitivo, e o quanto a literatura infantil ajuda os alunos no processo de alfabetização.

O segundo diagnóstico mostrou que os alunos tiveram grande evolução com relação à compreensão de contos; Uma aluna identificou que o ditado de palavras foi retirado do livro “ida e vinda”, história contada para os alunos antes da realização do diagnóstico.

Com relação a evolução dos alunos em questões alfabéticas, foi observado pouco desenvolvimento; Entre os 9 alunos que não possuíam a apropriação e autonomia da escrita de seus nomes, apenas 2 alunos conseguiram consolidar sem auxílio da ficha. Os demais, no entanto, reconhecem seus nomes quando postos junto a outros nomes, e reconhecem algumas letras do alfabeto.

**CONCLUSÃO**

As atividades realizadas objetivaram o desenvolvimento da oralidade, leitura e escrita; Desse modo percebeu-se que diante do proposto, os alunos tiveram grande aceitação quanto aos contos serem realizados no início da aula e as rodas de conversas. A novidade de ser iniciada a aula com um conto trouxe teve mais funcionalidade que no final da aula. Com isso, verificamos a importância de ser trabalhada a imaginação e a criatividade dentro da sala de aula; E que uma aula diferenciada traz grandes benefícios no processo de ensino-aprendizagem.

No entanto, apesar dos avanços que o Programa de Residência Pedagógica apresentou, foi percebido pelos alunos residentes, que seria necessário maior carga horária e trabalhos contínuos para que os alunos pudessem de fato adquirir o domínio da linguagem escrita e a apropriação das diversidades dos gêneros textuais.

Vemos também que a realidade escolar é algo distante do ideal, e mesmo sem ser feito um diagnóstico mais preciso sobre essas lacunas na aprendizagem, podemos citar Henrique Paro (2001), que afirma que a escola esta longe de ser o “lugar ideal” para a aprendizagem, pois, ela ainda esta imersa em várias burocracias impostas pelo sistema, e muitos professores e gestores não conseguem ultrapassar toda essa “papelada”. Vemos assim, o grande desafio para os futuros docentes em romper com o sistema e conseguir dar uma aula significativa e atraente, a fim de acabar, ou ao menos diminuir a segregação que existe dentro do sistema de ensino brasileiro.

**REFERÊNCIAS**

# BASTOS, Neusa Barbosa. Língua Portuguesa. História, Perspectivas, Ensino. Educ. 1998.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Consulta Pública. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2015. Disponível em: < http://historiadabncc.mec.gov.br/documentos/BNCC-APRESENTACAO.pdf >. Acesso em: 12 jun. 2019.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: < 568 http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\_EI\_EF\_110518\_versaofinal\_site.pdf >. Acesso em: 25 out. 2019.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil:** teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

CRISTIANO, C.; CESAR, E. **Metodologia do trabalho científico:** Métodos e técnicas dapesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo, 2013. p. 54.

DOLZ, Joaquim; GAGNON, Roxane; DECÂNDIO, Fabrício. **Produção escrita e dificuldades de aprendizagem.** 1º ed. Mercado das Letras. São Paulo, 2010. p. 14 - 36.

ESCOLA JUDITE LEAL COSTA. **Projeto Político Pedagógico**, 2011.

FERREIRA, Emília. **Com Todas as Letras.** 14 ed. Cortez. São Paulo. 2007.

GIL, A. C. (2002) **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas S/A.

INSTITUTO NATURA. **Magda Soares fala sobre o papel da literatura no processo de alfabetização** (2018). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i\_Tr5J9eXIA>. Acesso em: 12 de jun. 2019.

LDB – **Leis de Diretrizes e Bases.** Lei nº 9.394. 1996. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei\_de\_diretrizes\_e\_bases\_1ed.pdf >. Acesso em: 12. de jun. 2019.

MCBRATNEY, Sam. **Adivinha o Quanto eu Te Amo.** 20 ed. São Paulo. 2004

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para os anos finais do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio.** Curitiba: SEED, 2008. p. 56 - 68.

PARO, Vitor Henrique. **Administração escolar:** introdução crítica. 10. ed. São Paulo: Cortez. 2001.

SOARES, Magda. **Concepções de Linguagens e o Ensino da Língua Portuguesa.** In BASTOS, Neusa Barbosa. Língua Portuguesa. História, Perspectivas, Ensino. Educ. 1998.

SOUSA. Antônio, **A Velhinha que Dava Nome as Coisas.** 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Cq4LzBfdzCY>. Acesso em: 15 de jun. 2019.

WAIMAN, Simone Scapira. **O Ovo e o Vovó.** Paulinas. Campinas SP. 2001.

**ANEXO**

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO A PARTIR DA HISTÓRIA “ADIVINHE O QUANTO EU TE AMO” E O TRABALHO COM SLOGAN “MEIO AMBIENTE”

Nome:

Ditado de palavras monossílabas e dissílabas:

1 – Amor

2 – Coelho

3 – Pai

4 – Filho

5 – Lua

Escreva a partir da imagem uma frase:



Escreva um texto simples sobre quais os cuidados devemos ter com nosso planeta:

1. Graduando em Pedagogia pela Universidade de Pernambuco - UPE Campus Petrolina.

   E-mail: maxascosta@gmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Graduanda em Pedagogia pela Universidade de Pernambuco - UPE Campus Petrolina.,

   E-mail: rebekavieira01@gmail.com [↑](#footnote-ref-2)
3. Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia

   E-mail: neurasantos@hotmail.com [↑](#footnote-ref-3)